

- **CAPA**
 - » Minha música é do mundo!
 - » SAÚDE
 - » Problema de pele
 - » RELIGIÃO
 - » Santa visita

- **COMPONTAMENTO**
 - » Rubique crônica

- **GASTRONOMIA**
 - » Fosse ao creme de ervas

• **CAPA - ENTREVISTA/VALÉRIA OLIVEIRA**

'Minha música é do mundo'

DOMINGO - Conte-nos um pouco do seu começo na música. Como se iniciou a sua trajetória como cantora?

VALÉRIA OLIVEIRA - Eu fiz uma série de trabalhos em bares, restaurantes. Comecei em Natal, no início dos anos 90, e com pouco tempo comecei a produzir shows em teatros. Era uma vontade que eu tinha não apenas de fazer os trabalhos nos bares, que é uma grande escola, mas de poder produzir algo que tivesse um acabamento mais acentuado, com figurino, luz. O meu primeiro show foi um que fiz independente no Teatro Alberto Maranhão, em 2003, com toda essa produção. Em seguida, fiz uma série de participações no Projeto Seis e Meia, fiz quase todas as participações nesse projeto e dividi o palco com pessoas do porte de Leni Andrade, Cida Moreira, Xangai, cantei junto com Belô Veloso, fui convidada de Leila Pinheiro para um dos Seis e Meia, cantei junto com ela, já fiz o Seis e Meia com Renato Braz, cantei com ele também e recentemente fiz o Seis e Meia com Teca Calazani; cantamos juntas. Recentemente, eu e Teca fizemos um show que Mônica produziu também. Enfim, ao longo dessa carreira toda, tive momentos com parceiros bem bacanas no palco e, a partir de 2000, eu comecei a viajar para o exterior. Minha primeira viagem ao exterior foi ao Japão.



COMO surgiu essa oportunidade?

FOI através do contato com a potiguar Ivete Farias, que morava lá na ocasião, meia com cultura e levava vários eventos brasileiros para lá, e ela me levou. E a partir desse primeiro contato no Japão eu fiz quatro discos distribuídos lá, quatro produzidos por Kasuo Yoshida, que tem um trabalho forte e amplo aqui no Brasil, com cantoras como Joyce, Wanda Sá, Carlos Lyra, João Donato, Roberto Menescal, entre outros. O tempo todo ele está em contato com esses artistas, principalmente aos ligados à Bossa Nova, que é um ponto muito forte no Japão. Eles adoram o Brasil, a música brasileira, mas em especial a Bossa Nova. Esse link com o Japão começou em 2000, e eu fiquei até 2002. Produzimos quatro discos, incluindo o meu primeiro disco autoral, que foi o "Leve suas Pedras", lançado aqui em 2007, e continuo. Agora, esse link no Japão desembocou aqui e no CD "No Ar". No caso, tem um japonês que participa desse CD, que foi a partir de um contato que esse produtor fez para mim. Ele é um baixista muito famoso no Japão, chamado Tetsuo Sakurai. Ele toca no CD, e eu tive a oportunidade de participar do CD dele também, o "Cartas do Brasil". Então, agora estou neste momento bem precioso com uma série de parceiros que eu venho conquistando e trabalhando de 2005 para cá.

POUCAS vezes o talento das cantoras potiguares esteve tão bem como agora, em que podemos citar o seu exemplo, o de Roberta Sá, Kristal, que ampliam a atuação no cenário musical nacional. Como você está percebendo este momento? ESTOU vendo isso com ótimos olhos e torcendo para que esse movimento cresça e que o Rio Grande do Norte marque presença na cena brasileira, porque isso é algo que a gente sonha há muito tempo e muitos artistas por seus próprios esforços estão chegando e abrindo esse espaço. A gente tem feito o máximo que pode de maneira independente, com alguns apoios, mas que o nosso esforço conta mais nesse sentido: a crença de que a coisa vai dar certo. Acho que tem vários artistas fazendo isso neste momento e ao mesmo tempo. É importante citar nomes, como Kristal, como a banda Rosa de Pedra, que está tendo uma abertura nacional bem legal e importante, a Marina Elali, Cris Rosa e Rejane Luna, que também estão no Rio de Janeiro há bastante tempo, começando a abrir espaço por lá. O nome aparece na mídia nacional e esse conjunto de artistas está chegando em um momento legal, juntos, levando o nome do Rio Grande do Norte além das fronteiras do Estado.

VOCÊ falou que, primeiro, fez sucesso no Japão, antes mesmo de ver seu trabalho ampliado no Estado. Tem sido assim para a maioria dos músicos, ou seja, é preciso ir para fora do país para ver o seu trabalho reconhecido no Brasil?

ACREDITO que isso deva acontecer, sim, com outros artistas, especialmente sair do Rio Grande do Norte para outras cidades do Brasil, mais até do que ir para o exterior. Comigo aconteceu para o exterior primeiro, para só depois poder ir a outras cidades do Brasil. O bom disso é que, para onde eu estou indo, tenho uma receptividade legal, espaço na mídia, meu trabalho está sendo reconhecido e estou formatando novas parcerias. Acho que isso é a melhor coisa disso.

QUAL tem sido a participação de Cláudio Olivetto como diretor artístico, e já tendo trabalhado com Maria Bethânia e Edson Cordeiro, nessa divulgação do seu trabalho em outros espaços?

CLÁUDIO é diretor artístico, roteirista, pesquisador musical, e eu o conheci em 2007, quando lancei o disco anterior, "Leve suas pedras", em São Paulo. Ele foi ver o show e depois ele foi se chegando, a gente começou a bater um papo sobre música, ele se apresentou, fez alguns comentários muito bacanas sobre o show e aí, num segundo encontro em São Paulo, pedi que ele fizesse as críticas, dizendo o que achou do show, e ele deu contribuições muito importantes já naquele momento. Plantamos, então, essa semente com ele: "E aí, vamos fazer um trabalho juntos?". E ele: "Vamos". Até que chegou o momento quando fomos selecionados no projeto Pixingunha, ligamos para ele e fizemos o convite, que foi aceito. Olivetto está conosco desde a roteirização do CD até o show. Tanto que ele foi para Natal, veio para Mossoró acompanhando esse primeiro momento de turnê estadual, e está sendo legal a companhia dele, porque além de ele ter contribuído já à distância, fazendo roteiro, dando sugestões, colocando o dedo dele em várias partes do CD, nas finalizações, até da apresentação do disco, além de tudo isso, ele está assistindo ao show, dirigindo e fazendo ajustes, que é natural quando se faz uma turnê na medida em que vai se avaliar se está legal, se está bacana para fazer os ajustes necessários. Cláudio fez a diferença no show em Natal e em Mossoró e foi uma coisa notória para o público, todos notaram que o acabamento que ele deu foi de uma sensibilidade muito grande.

QUANTO ao projeto Pixingunha e o processo de criação das composições, você já vinha fazendo, foi especialmente para o projeto?

DE 2005 para cá, comecei a compor junto com esses parceiros, que são Kristal, Luiz Gadelha, Sueldo Soares, Ângela Castro, e venho compondo frequentemente com eles. Não paramos nunca; estamos sempre produzindo músicas. Eu já tinha músicas compostas, e nos inscrevemos no projeto Pixingunha e felizmente fomos selecionados. Acabei elaborando o CD com essas músicas que já existiam e outras que pintaram a partir do momento em que eu fui selecionada. Inclusive, nós produzimos no estúdio dezesseis músicas e escolhemos doze para fazer parte do CD. Então, além dessas músicas que estão no disco devido ao projeto, eu também fiz uma parceria bacana com Esso Alencar, e essa música não está no disco, mas vai ser disponibilizada no Myspace (www.myspace.com/valeriaoliveira) e se chama "Laços". Outra parceria, com Ângela Castro, também não está no CD, mas foram parcerias importantes para esse momento do projeto. Inclusive, porque Esso foi o outro contemplado no Estado pelo projeto Pixingunha, ou seja, fomos eu e Esso. E esse foi o momento de a gente se juntar um pouco e fazer algo juntos. Não foi para o disco por uma questão de roteirização, de amadurecimento da música em si do que por outro motivo, mas foi muito importante o fato de estarmos juntos.

VOCÊ faz uso do Myspace, postando suas músicas para serem ouvidas na Internet. É importante utilizar essa ferramenta como forma de divulgação do trabalho do artista?

ACHO que só acrescentou. Qualquer ferramenta tem de saber usar e tem de tirar o melhor possível dela. A Internet é uma ferramenta poderosa, mudou tudo a partir dela. Tem o lado bom e o ruim, como tudo nesta vida. Muita coisa ruim é colocada no mercado, talvez porque a facilidade aumentou. Muita gente produz música em casa, todo mundo grava, canta, e a tecnologia está aí avançadíssima para ser usada de diversas formas. Mas, por outro lado, artistas que trabalham a sua carreira com seriedade têm uma ferramenta potente para a divulgação do trabalho. Hoje em dia, já não há mais tanto interesse de trabalhar para gravadoras. No meu caso, considero o papel da gravadora muito importante ainda, embora esteja fazendo o meu trabalho independente. Já, muitas bandas não têm interesse de estar vinculadas a uma gravadora; têm a Internet para divulgar. A distribuição da música on-line é muito legal, essa coisa de se vender música a música, faixa a faixa. Ele tem a opção de começar a ouvir, se deliciar, se gostar pode comprar uma, outra, quando menos esperar, compra o CD inteiro, e se ele gostar com certeza vai querer ter o disco físico, saber quem está envolvido nesse trabalho e que é legal mostrar que o CD é um conteúdo artístico geral, tem tanta gente envolvida nisso, todo um trabalho de concepção no CD físico e os grandes apaixonados pela música não vão deixar de comprar o CD. É claro que tem essa quebra inicial, quando pintou o CD o vinil sumiu. Aí veio a Internet e deu uma baixa no mercado de discos, e por outro lado o disco, que tem um valor alto, e a Internet poderá ajudar para que as gravadoras comecem a baixar o valor do CD e as pessoas possam voltar a consumir o CD.

E O disco vinil parece estar de volta. É verdade que você produziu esse trabalho em vinil também? Por quê?

OLHE, as coisas não somem totalmente; parece que ficam assim, meio adormecidas e voltam em outro formato. A gente está produzindo, sim, o vinil desse disco porque durante a minha viagem aos Estados Unidos, onde estive recentemente em um festival muito grande, um dos maiores do mundo, o SXSW, é "The South by Southwest", em que participaram cerca de 1.800 artistas do mundo todo, com uma grande feira de negócios, e lá nós tivemos a oportunidade de ver como está esse mundo da música, com essa quantidade enorme de informações que a gente recebe e que nem sempre temos acesso aqui no nosso Estado. Vimos muita coisa que está se fazendo, estratégias de promoção e uma das coisas que está rolando muito é a promoção do trabalho via vinil. O vinil, então, está voltando, tem muitas bandas fazendo. Nós, inspirados pelo festival, produzimos uma cota que está chegando, com uma tiragem de 300 exemplares para a promoção do trabalho. Vamos formatar um kit promocional para nas nossas viagens poder entregar a produtores, críticos musicais, pesquisadores e pessoas desse mercado.

QUAIS são as influências mais marcantes do seu estilo musical?

MINHA carreira musical deu uma guinadzinha. Fiz cinco discos como intérprete com duas músicas como compositora, mas a maioria eram releituras, gravava coisas inéditas de compositores potiguares, mas sempre como intérprete e dos dois discos para cá, como compositora. Então, essa "chavezinha" mudou muita coisa. Eu sofri uma série de influências, como Clara Nunes, Alcione, ouvi muito samba por causa da minha mãe, muita MPB refinada, como Vinícius de Moraes, Chico Buarque, Caetano, Edu Lobo, muita coisa que vai fazendo o caldeirão na cabeça da gente de referências. Mas